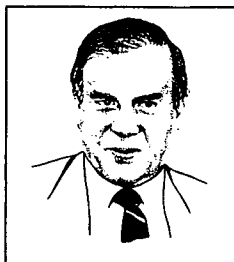


Saúde ou doença política

"Onde todos estão de acordo está tudo errado"
Goethe



**Não podemos
esperar
mais pelas
decantadas
reformas
tributárias**

Há mais de dois anos vimos denunciando, nesta página, muitos dos fatos que agora eclodem numa crise sem precedentes do sistema de saúde. Não era necessário ser profeta para saber que fatos tão antigos iriam culminar nos problemas que hoje enfrenta o ministro Jatene. É impressionante a falta de sensibilidade social dos homens que dizem comandar os destinos de uma nação tão doente, sobretudo porque não tem meios de combater suas doenças, deixando os mais pobres à mercê dos seus males, isto é, sem o atendimento humano pregado, não apenas pela Constituição, mas pelo compadecimento mais chão, que deste lado do hemisfério, às vezes, chamamos de cristianismo.

Num país em que médicos — sobretudo os ligados a escolas médicas ou a serviços públicos — são vergonhosamente remunerados e onde o preço de uma diária hospitalar mal

dá para custear um hambúrguer ou um metro cúbico de água, a classe política ou dirigente, que ali colocamos pelo poder do nosso voto, se nega agora a ouvir nossos reclamos e a solucionar os problemas da saúde. Se não querem conceder o CPMF ao sr. ministro, que sugiram uma solução melhor, menos impopular, como dizem, como retirar contribuições do próprio IR dos que têm melhor nível de renda, como preconiza o professor Delfim Net-

to, que entende dessas coisas.

Não podemos esperar mais pelas decantadas reformas tributárias. A saúde está doente e precisa ser socorrida com medidas emergenciais. Remendos não podem mais ser solução. Para a saúde são reservadas sempre as sobras. E quando não há sobras não há saúde. Os mais carentes, os que nunca são ouvidos, porque não têm voz neste país, não agüentam mais ser condenados sumariamente a verdadeiras sentenças de morte que recebem nos corredores, nas macas ou no chão de hospitais — verdadeiras antecâmaras na-

zistas da morte —, por falta de antibióticos, medicamentos, instrumental cirúrgico, enfermeiras e tudo o mais. Se os políticos e os fautores da lei pensam que gastar muito com a saúde é caro, experimentem adoecer. E quando adoecerem, não peçam ao ministro Jatene uma vaga no Incor, como costumam fazer para qualquer tipo de doença. Aquele é um dos melhores hospitais do mundo para o tratamento de doenças cardíacas, mas já foi obrigado a atender até meningite de ministro. Todos os políticos o procuram por oferecer as melhores condições de atendimento, mas os privilegiados estarão furando a fila dos desprivilegiados, e passando para trás alguém que realmente necessita de atendimento pelo SUS e pode estar esperando há vários anos na fila para ser tratado. Procurem, srs. legisladores dos nossos destinos, em vez disso, ser atendidos nos hospitais públicos regionalizados, enfrentando as filas para registro desde a madrugada, como enfrentam os vossos eleitores: o mesmo povo sofrendo que os coloca no poder, esperando ver seus problemas resolvidos. Só então começarão os senhores a entender os problemas que enfrentamos diariamente em nossos hospitais desaparelhados.

A omissão é como um bumerangue. Justamente quando pensamos

que está tudo bem, ele nos atinge na nuca. Molière dizia que "não somos responsáveis apenas pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos de fazer". Não podemos ficar apenas olhando a vida passar. Façam alguma coisa, senhores. A classe médica, enfermeiras e atendentes já têm dado a sua contribuição. Milhares de pacientes têm oferecido diariamente suas vidas em holocausto num funeral interminável, que diariamente engrossa suas colunas. Dêem, ao menos desta vez, ouvidos a quem não tem voz para se defender. Lembrem-se de que o governo, para manter um presó que nos assassina e que estupra nossas jovens, desembolsa seis vezes mais do que para manter um paciente internado dentro do sistema atual de saúde. Os criminosos lá estão porque mataram com armas convencionais, proibidas pela lei. Nosso sistema de saúde mata ou deixa morrer impunemente dentro da lei, simulando cuidar dos que deveria salvar.

Não conseguimos entender esse tipo de justiça que pune os inocentes. Socorramos a saúde antes que ela se torne mais um caso de polícia neste país que já tem tantos.

■ *Raul Marino, Jr. é professor-titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*